

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

Neste capítulo os aspectos centrais a ser observados, prender-se-ão com o enquadramento teórico do estudo, objetivos e pertinência, formulação das hipóteses, e finalmente a apresentação da sua estrutura.

1.1. Enquadramento Teórico

De acordo com Foucault (1999), mais importante do que explicar a cultura ou a ciência, é procurar o que numa sociedade é rejeitado e excluído. Ao contrário da exclusão característica até às últimas três décadas, as crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE) passaram a ser integradas em ambientes inclusivos (Block, 2000). Com o evoluir ao longo dos últimos dez anos, relativamente à Educação Física (EF), a inclusão tem vindo a receber uma maior atenção (Kozub, 2002), utilizando o argumento de que aulas deste tipo, simulam um modelo realista do mundo real.

Tratando-se de uma inclusão estruturada e planeada adequadamente, todos os alunos retirarão benefícios disso, caso contrário, a inclusão tratar-se-á de um despejo de alunos em ambiente inclusivo (Goodwin, 2001; La Master, Gall, Kinchin, & Siedentop, 1998).

Com a necessidade de regulamentar esta inclusão, foi elaborada a Declaração de Salamanca (1994) com a participação de oitenta e oito governos, onde foi determinado que todas as crianças passariam a ter o direito de lhes ver fornecida a oportunidade de atingir e manter o nível adequado à sua aprendizagem. Todos os indivíduos com NEE, passariam a ser inseridas numa escola regular, sendo alvo de uma pedagogia capaz de satisfazer as suas necessidades.

No nosso país, a reabilitação é vista com um processo destinado a corrigir a deficiência e a conservar, desenvolver ou restaurar as aptidões de uma pessoa, para possibilitar a sua autonomia pessoal (Secretariado Nacional para a Reabilitação, 1999). A inclusão de alunos com NEE encontra-se devidamente legislada, através do Decreto – Lei nº3/2008 de 7 de Janeiro.

Relativamente à Escola Inclusiva, deverá responder de forma apropriada, não só à deficiência, mas à generalidade das diferenças dos alunos (Correia, 1999). A existência de uma escola inclusiva implica processos inclusivos, que apesar de seguirem o mesmo padrão de inclusão, são caracterizados pela sua unicidade.

Apesar de todas as evoluções, ainda existem diversas barreiras que podem complicar a inclusão de alunos com NEE, uma delas é a falta de preparação dos professores de EF, tratando-se esta disciplina uma das mais favoráveis à inclusão de alunos com deficiência (Block et. al. 2003). Os professores, tendem a centrar a sua atenção nas prestações dos alunos sem NEE, o que provoca uma negligência no ensino aos alunos com NEE (Shanker, 1995).

1.2. *Pertinência e Objectivos*

Recentemente, um pouco por toda a Europa a educação tem sofrido constantes alterações legislativas e organizativas. Sempre que ocorrem mudanças, surgem benefícios, positivamente, e prejuízos, negativamente. Tratando-se a educação especial um dos campos que mais se tem alterado gostaríamos então, de nos aperceber da forma que os alunos receberiam colegas com deficiência nas suas aulas de EF, visto tratar-se de um aspecto primordial para uma inclusão de sucesso.

A elaboração deste estudo justifica-se, para que possamos saber com o que nos iremos deparar numa situação real. Depois desta aferição poderemos proporcionar uma interacção de qualidade que beneficie todos os elementos intervenientes.

Para além do que anteriormente foi exposto, pretendemos também, verificar se é possível relacionar as atitudes com algumas das variáveis que encontramos nesta dissertação. Assim sendo, queremos corroborar ou refutar as afirmações adjacentes às hipóteses.

Torna-se também, uma das principais metas, reconhecer se as atitudes expressas estão directamente relacionadas com alguns factores pessoais, tais como: género; idade; ano de escolaridade. Para além dos factores

anteriormente citados, existem factores de circunstância, tais como: presença de um indivíduo com deficiência na turma; possuir algum familiar/amigo com deficiência; ter passado pela experiência de compartilhar uma aula de EF com um colega com deficiência.

Fazendo parte deste estudo, as aulas de EF adaptada, têm o intuito de colocar a generalidade dos alunos em contacto com modalidades para indivíduos com deficiência.

Ao elaborar este estudo, esperamos contribuir para um melhor conhecimento das possíveis variáveis que influenciam um favorecimento das atitudes positivas.

1.3. Definição de Hipóteses

Seguidamente, poderemos observar as hipóteses que foram formuladas para o problema em questão. Poderemos definir hipótese, como sendo uma explicação ou solução plausível para um determinado problema (Almeida & Freire, 2003).

- Hipótese 1 – No pré-teste os alunos do género feminino revelam atitudes gerais da EF mais favoráveis do que os do género masculino.
- Hipótese 2 – No pré-teste os alunos do género feminino revelam atitudes específicas da EF mais favoráveis do que os do género masculino.
- Hipótese 3 - Os alunos do género feminino revelam atitudes relativamente à alteração das regras mais favoráveis do que os do género masculino.

- Hipótese 4 - Os alunos que possuem algum amigo e/ou familiar com deficiência, revelam atitudes gerais da EF mais favoráveis face à inclusão de alunos com deficiência.
- Hipótese 5 - Os alunos que possuem algum amigo e/ou familiar com deficiência, revelam atitudes específicas da EF mais favoráveis face à inclusão de alunos com deficiência.
- Hipótese 6 - Os alunos que possuem algum amigo e/ou familiar com deficiência, revelam atitudes face à alteração das regras mais favoráveis face à inclusão de alunos com deficiência.
- Hipótese 7 - As atitudes gerais da EF dos alunos, são favoravelmente influenciadas pela presença de um aluno com deficiência na sua turma.
- Hipótese 8 - As atitudes específicas da EF dos alunos, são favoravelmente influenciadas pela presença de um aluno com deficiência na sua turma.
- Hipótese 9 - As atitudes face à alteração das regras dos alunos, são favoravelmente influenciadas pela presença de um aluno com deficiência na sua turma.
- Hipótese 10 - As atitudes gerais da EF dos alunos face à inclusão de indivíduos com deficiência, são mais elevadas na presença de um colega com deficiência nas suas aulas de EF.
- Hipótese 11 - As atitudes específicas da EF dos alunos face à inclusão de indivíduos com deficiência, são mais elevadas na presença de um colega com deficiência nas suas aulas de EF.

- Hipótese 12 - As atitudes face à alteração das regras dos alunos face à inclusão de indivíduos com deficiência, são mais elevadas na presença de um colega com deficiência nas suas aulas de EF.
- Hipótese 13 - As atitudes gerais da EF dos alunos face à inclusão de indivíduos com deficiência são inversamente proporcionais ao seu nível de competitividade.
- Hipótese 14 - As atitudes específicas da EF dos alunos face à inclusão de indivíduos com deficiência são inversamente proporcionais ao seu nível de competitividade.
- Hipótese 15 - As atitudes face à alteração das regras dos alunos face à inclusão de indivíduos com deficiência são inversamente proporcionais ao seu nível de competitividade.
- Hipótese 16 – Após a intervenção, o género feminino revela atitudes gerais da EF mais favoráveis do que o género masculino.
- Hipótese 17 – Após a intervenção, o género feminino revela atitudes específicas da EF mais favoráveis do que o género masculino.
- Hipótese 18 – Após a intervenção, o género feminino revela atitudes face à alteração das regras mais favoráveis do que o género masculino.
- Hipótese 19 - No segundo momento de aplicação, as atitudes gerais da EF dos alunos que participaram na actividade (Grupo Experimental) são mais favoráveis que as dos alunos que não participaram (Grupo de Controlo).
- Hipótese 20 - No segundo momento de aplicação, as atitudes específicas da EF dos alunos que participaram na actividade (Grupo

Experimental) são mais favoráveis que as dos alunos que não participaram (Grupo de Controlo).

- Hipótese 21 - No segundo momento de aplicação, as atitudes face à alteração das regras dos alunos que participaram na actividade (Grupo Experimental) são mais favoráveis que as dos alunos que não participaram (Grupo de Controlo).

1.4. Estrutura

O estudo em causa, está organizado por capítulos, sendo formado por 7 na sua totalidade.

Capítulo I – Introdução: Local onde realizamos um breve enquadramento teórico, expomos os objectivos e a pertinência do estudo, e ainda formulamos as hipóteses;

Capítulo II - Revisão da Literatura: Capítulo onde analisamos alguns estudos que foram elaborados nesta área de investigação, servindo-nos de base teórica para a elaboração do trabalho;

Capítulo III – Metodologia: Fase em que expomos os métodos, procedimentos e instrumentos utilizados. Também efectuamos a caracterização da amostra.

Capítulo IV – Apresentação de Resultados: Efectuamos as análises descritivas, inferenciais e correlacionais das variáveis em estudo.

Capítulo V – Discussão dos Resultados: Nesta fase discutem-se os resultados obtidos, comparando-os com outros estudos realizados na mesma área.

Capítulo VI – Conclusões, Limitações e Recomendações: Neste capítulo realizamos uma apreciação geral do nosso trabalho, retirando as conclusões mais pertinentes. Enumeramos as limitações que encontrámos durante a sua elaboração e ainda mencionamos as principais sugestões que nos parecem ser mais úteis para estudos futuros.

Capítulo VII - Referências Bibliográficas: Fazemos menção a todas as fontes utilizadas para a elaboração deste estudo.